

LESLEY PEARSE

DE AMOR E SANGUE

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

MÁRIO DIAS CORREIA

ASA

CAPÍTULO 1

Somerset, 1832

— **G**ritar nunca ajudou a trazer bebés a este mundo! — sentenciou Bridie num tom brusco, enquanto enfiava a corda presa à cabeceira da cama nas mãos da sua senhora. — Puxe pela corda e faça força.

Ao ouvir a porta abrir-se nas suas costas, olhou por cima do ombro e viu Nell, a criada de sala, entrar com uma bacia de água quente.

— Já não era sem tempo — resmungou. — Pensei que tinhas fugido.

Nell não ficou ofendida com a dureza de Bridie; sabia que era o medo a falar. Bridie não era parteira e só o horror de ver Lady Harvey exposta ao escândalo público a convencera a fazer ela própria o parto. Naquele momento, aparentava bem os sessenta anos que tinha, com os cabelos cinzentos a escaparem-se de baixo da touca engomada, a cara gorducha tensa e amarelada pela luz das velas e os olhos azuis, que regra geral brilhavam de jovial bonomia, baços de exaustão e ansiedade.

— Não seria melhor chamar o médico? — murmurou Nell, ao ver as grossas e zangadas veias que sobressaíam na cara e no pescoço de Lady Harvey. — Está a demorar tanto tempo, e ela está a sofrer tanto.

Bridie fulminou-a com um olhar que Nell entendeu imediatamente: estava dispensada de apresentar novas sugestões ou opiniões. Por isso tirou o pano de dentro da bacia de água fria, torceu-o e limpou a testa da sua senhora. Só esperava que Bridie soubesse o que estava a fazer, porque se sua senhoria morresse, estariam as duas metidas em grandes sarilhos.

Cheirava mal no quarto abafado, quente como um forno apesar de o lume na lareira ter-se quase extinguido. As cortinas pesadas que rodeavam a cama de dossel e as mobílias de madeira preta polida tornavam o ambiente ainda mais claustrofóbico. Nell vira os primeiros alvares da aurora clarearem o céu quando fora à cozinha buscar a água quente, e estava tão cansada que temia cair redonda no chão.

No ano anterior, tinha ajudado no parto do seu irmão, mas não fora nada que se comparasse com aquilo. A mãe andara a cirandar de um lado para o outro até minutos antes, e depois deitara-se, soltara um pequeno grito e o bebé saíra, escorregadio como um leitãozinho enebado. Até àquela noite, Nell pensara que era assim que todos os bebés nasciam.

Lady Harvey, porém, começara a gritar e a fazer cenas às seis da tarde do dia anterior, e a partir daí as coisas só tinham piorado. A bonita camisa de noite branca que vestia estava empapada em suor, e por baixo dela o ventre inchado e distendido parecia obsceno à luz das velas.

Se aquilo era o que se ganhava indo para a cama com um homem, pensou Nell, preferia morrer virgem.

– Deixem-me morrer e o meu bebé comigo! – gritou Lady Harvey. – Deus, não me castigaste já o suficiente pela minha maldade?

– Empurre o bebé para fora ou morre mesmo – gritou-lhe Bridie em resposta, e aplicou uma rija palmada na coxa nua da patroa. – Vamos, empurre o estuporzinho para fora, raios a partam!

Fosse por causa da palmada ou da ameaça de morte, o certo é que os gritos de Lady Harvey se transformaram numa espécie de

mungido semelhante ao de uma vaca a parir e, de repente, ela estava a fazer força com genuína determinação.

Cerca de vinte minutos mais tarde, Nell abriu muito os olhos quando a cabeça do bebé começou enfim a aparecer. Os cabelos eram negros como os de um cigano, a formar um gritante contraste com as coxas muito brancas da patroa.

– É isso mesmo! Está a sair. – O alívio suavizou a voz de Bridie.
– Deixe-o vir, pare de fazer força.

Fascinada, esquecido o cansaço, Nell viu o bebé deslizar para as nodosas mãos da velha Bridie. A barriga que momentos antes parecia tensa e inchada como uma melancia madura abateu-se e sua senhoria deixou escapar um pequeno suspiro de alívio por o seu tormento ter finalmente acabado.

Bridie afastou o bebé da mãe, sem sequer anunciar que era uma menina. Nell captou o olhar da mulher mais velha, viu o medo que se lhe espelhava no rosto, e no mesmo instante a alegria e o espanto que sentira ao assistir ao milagre de uma nova vida desvaneceram-se.

Aquele bebé não estava destinado a viver. Bridie não ia dar-lhe uma palmada nas costas minúsculas, nem insuflar ar na pequena boca para o ajudar a viver. Estava destinado a morrer.

– Acabou, de verdade? – perguntou Lady Harvey, com a voz reduzida a um murmúrio rouco.

– Sim, acabou, *m'lady* – respondeu Bridie, enquanto, com gestos rápidos, atava o cordão e o cortava. – Só falta saírem as secundinas e poderá dormir e esquecer tudo isto.

Nell olhou para o bebé silencioso e imóvel pousado aos pés da cama. Todos os seus irmãos e irmãs mais novos tinham sido feios e arroxeados e carecas ao nascer. E tinham protestado com gritos zangados ao verem-se atirados assim tão sem cerimónia para um mundo novo e hostil. Mas aquele era bonito, com cabelos negros e uma boquinha que parecia um botão de rosa. Nell pensou que talvez fosse por ter vindo preparado para seguir diretamente para o Céu.

– Morreu? – perguntou Lady Harvey, numa voz sonolenta. As veias zangadas e vermelhas que momentos antes lhe riscavam a cara e o pescoço já tinham desaparecido, mas estava emaciada e pálida. O cabelo comprido louro, que eram a alegria e o orgulho de Bridie, tinham perdido o viço e o brilho. Nell quase não conseguia acreditar que aquela era a mesma mulher a quem sempre admirara a elegância e a beleza serena.

Bridie limitou-se a lançar um olhar de lado ao bebé, enquanto massajava o ventre da patroa.

– Sim, *m'lady*, receio que sim – respondeu, e a voz quebrou-se-lhe um pouco. – Talvez tenha sido o melhor.

– Deixa-me vê-lo – pediu Lady Harvey.

Bridie fez um gesto de cabeça a Nell, que pegou num pano de flanela, embrulhou nele o bebé e o levantou. Lady Harvey estendeu a mão e passou um dedo ao longo da face da criança, e então voltou a cara para o lado e começou a chorar.

– Foi a vontade de Deus – murmurou. – Mas fico-Lhe grata pela Sua misericórdia.

Bridie empurrou Nell na direção da porta.

– Leva-o para a destilaria e depois vai para a cama – sussurrou. – Trato dele mais tarde, quando acabar aqui.

Com o pequeno corpo sem vida nos braços, Nell seguiu apressada pelo corredor a caminho da escada das traseiras. Briargate Hall estava silenciosa como uma cripta. Todos os outros criados tinham sido enviados para a casa de Londres três semanas antes, com a missão de a prepararem para o regresso de Sir William Harvey da América, onde estava havia dois anos, e essa era, claro, a razão por que Bridie não tentara salvar o bebé. Se sabia quem era o pai, não o dizia. Mantivera secreta a gravidez da patroa como se fosse sua. Mesmo quando se vira forçada a envolver Nell na conspiração porque sozinha não conseguiria dar conta do recado, tudo o que lhe dissera fora que sua senhoria ia dar à luz um filho indesejado.

Estava-se em finais de abril, e só no dia anterior tinham visto sinais de primavera após um longo e frio inverno. E aquele dia que

ainda mal acabava de romper prometia ser também bonito e agradável, pois o sol já entrava a jorros pela janela voltada a leste, junto à escada das traseiras.

Nell viu-se refletida no grande espelho ao lado da janela. A imagem chocou-a, não tanto pelo aspeto desmazelado, com o avental sujo, a touca à banda e os cabelos pendentes, como pelo facto de os acontecimentos da noite a terem envelhecido de repente. Apenas vinte e quatro horas antes, era igual a qualquer outra criada de dezasseis anos: impecável e modesta no seu uniforme engomado, as faces rosadas de andar a correr escada acima, escada abaixo, um brilho nos olhos por saber que Baines, o mordomo, não estava lá para a admoestar. Os seus pensamentos estavam com Ned Travers, que lhe dissera que se encontraria com ela em Lord's Wood. Ned ia alistar-se no Exército e todas as raparigas da aldeia queriam ser a sua namorada. Nell não tinha muito a certeza de ser isso que queria, mas era bom pensar que ele a queria a ela.

Não ignorava que não fora abençoada em termos de beleza. Saía à família do lado do pai, como todos os seus irmãos e irmãs. Eram baixos e entroncados, com cabelos negros e lisos e olhos castanho-escuros. Ned dissera que a pele dela parecia leite, mas provavelmente fora só conversa para a seduzir. Tinha a boca demasiado pequena, o nariz um tudo-nada demasiado grande e as sobrancelhas demasiado grossas.

Não chegou a encontrar-se com Ned, de modo que nunca viria a saber se ele gostava dela por si mesma ou se só achava que uma rapariga feiosa seria mais fácil. Bridie largara a bomba a meio da manhã e deixara bem claro que Nell não podia sair de casa sob pretexto nenhum.

Até então Nell acreditara, como todos os outros criados, que a prolongada reclusão de sua senhoria no quarto se devia a ter ficado magoada depois de cair do cavalo. Rose, uma das outras criadas, dissera que era «esquisito», porque de todas as outras vezes que Lady Harvey caíra do cavalo estava de pé e a andar de um lado para o outro com a ajuda de uma bengala dois dias depois.

Nell, porém, não viu nada de suspeito neste arrastado período de repouso acamado. Já reparara, naqueles quatro anos desde que entrara para o serviço doméstico, que as senhoras ilustres tendiam a sofrer de curiosas maleitas que não afetavam as pessoas comuns.

Na sua opinião, o problema da senhora da casa era melancolia: uma combinação de um inverno comprido e áspero e a ausência prolongada do marido. Sempre que subia ao quarto com uma bandeja, Lady Harvey ainda estava na cama ou então sentada junto à janela com as pernas levantadas, envolta numa manta. E tão bonita como sempre, com o cabelo caído sobre os ombros, embora abatida e muito pálida. Nell pensara muitas vezes que Bridie devia ser mais firme com ela e obrigá-la a dar um pequeno passeio no exterior todos os dias.

Pouco antes de partir no coche para Londres com o resto dos criados, Baines dera a Nell as suas ordens. Ia ter de cozinhar e tratar de tudo até que Lady Harvey se sentisse capaz de viajar para a capital com Bridie. Quando isso acontecesse, ficaria ali sozinha a cuidar da casa, e o jardineiro e o moço da estrebaria ocupar-se-iam do exterior.

Nell não ficou desapontada por não ter ido também para Londres. Bridie dizia que lá havia sempre mais trabalho, porque a casa era muito maior e os Harvey recebiam muito. Também dizia que o pessoal de Londres olhava de cima para os campónios da província e que era como trabalhar num manicómio.

Na realidade, Nell encarava aquele seu retiro solitário em Briargate como umas férias, pois não teria quase nada para fazer. Poderia escapulir-se todas as tardes para ir a casa ver a mãe e os irmãos e irmãs mais novos, ou passear pelos jardins tanto quanto quisesse.

Quando Bridie lhe disse, na tarde anterior, qual era o verdadeiro mal da senhora, sofreu um tremendo choque. «Teve um deslize», foi assim que Bridie explicou a situação, como se imaginasse que ela não sabia como os bebês eram feitos.

Bridie prometera-lhe uma moeda de ouro desde que nunca dissesse fosse a quem fosse uma palavra a respeito do que ia ver

e ouvir nas próximas horas. E disse, com uma franqueza cruel, que esperava que o bebê não sobrevivesse.

No dia anterior, aquela esperança não lhe pareceu assim tão terrível. Bridie estava apenas a ser prática, tal como o moço da estrebaria era quando afogava as ninhadas de gatinhos nascidos nas cavalariças. E de qualquer modo, toda a gente sabia que as senhoras contratavam amas para cuidar dos seus bebês e que ligavam muito pouco aos filhos antes de eles serem quase adultos.

No entanto, quando entrou em trabalho de parto Lady Harvey não foi muito diferente de qualquer outra mulher que Nell conhecia. Suou, chorou, até gritou palavrões feios como a debochada criada da taberna. Os linhos finos e as rendas, as escovas de cabelo com cabo de prata e as joias não evitaram que tivesse de fazer força para expulsar o bebê de dentro de si como qualquer camponesa. E Nell sabia que, tal como a mais miserável das pedintes chorava a morte de um filho, também Lady Harvey havia de chorar a morte do seu.

Olhou para o pequeno embrulho que levava nos braços e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Os pais dela não tinham nada, dez filhos criados numa pequena casa com um telhado que deixava entrar água, e mesmo assim cada novo bebê era recebido com alegria. Aquele nunca tinha sido beijado, não teria um nome nem um funeral como devia ser.

E também o fardo de ter sido testemunha do nascimento lhe pesava sobre os ombros. Não sabia como ia conseguir voltar a falar normalmente com Lady Harvey depois daquilo, ou se alguma vez conseguiria esquecer. Ela e Bridie podiam até estar amaldiçoadas por terem participado numa coisa daquelas!

Toda a gente sabia como foi lançada uma maldição sobre Sir John Popham, um antepassado dos Popham que ainda viviam em Hunstrete House, a mansão mais próxima de Briargate do outro lado de Lord's Wood. Sir John foi o juiz no julgamento de William Darrell, de Littlecote, acusado de ter assassinado um bebê recém-nascido atirando-o para o lume. Darrell lançou a maldição sobre

os Popham porque o juiz ficou com Littlecote – e com Hunstrete, que fazia parte da propriedade – a troco de uma absolvição. A maldição foi que a família Popham nunca teria um herdeiro varão. E resultara, só tinham raparigas.

Nell só podia supor que Darrell assassinara o bebé por não ser ele o pai. Ela e Bridie não tinham assassinado aquele, mas talvez não ajudar um recém-nascido a respirar pela primeira vez acabasse por ir dar ao mesmo?

Se alguém descobrisse podiam ser enforcadas!

O coração começou a bater-lhe mais depressa, o seu estômago dava voltas. Tencionaria Bridie enterrar o bebé no jardim? Como pensaria ela que o ia conseguir sem que o velho Jacob, o jardineiro, desse por isso?

Quando chegou à escada das traseiras, um pequeno movimento contra o peito sobressaltou-a. Tropeçou e quase deixou cair o pequeno fardo antes de recuperar o equilíbrio. Assustada, levantou uma ponta do pano de flanela, e para seu enorme espanto viu uma minúscula mão mexer-se, e o bebé abriu a boca num bocejo.

Por um momento ficou quieta, a olhar, convencida de que tinha sido imaginação sua, mas então a mão voltou a mover-se, dessa vez com mais vigor.

– É um milagre! – exclamou, com a voz a ecoar no poço da escada. Toda a gente sabia que os recém-nascidos choravam para anunciar ao mundo que estavam vivos e de boa saúde. Não se lembrava de alguma vez ter ouvido falar de um que tivesse permanecido em silêncio até estar demasiado fraco para sobreviver.

A menos que fosse uma criança-fada.

A instrução de Nell havia consistido em pouco mais do que aprender a ler e a fazer umas contas de somar com o reverendo Gosling, entre os seis e os oito anos. Mas superstições aprendera-as desde o berço, com os pais e muitos dos velhos da aldeia.

Dizia-se que as crianças-fadas vinham a este mundo para dar boa sorte. Podiam ser reconhecidas pela sua chegada inesperada, pela sua extraordinária beleza e doçura de carácter. Joan Stott, da

aldeia, era estéril, mas já depois de ter passado os quarenta anos, teve uma menina que mais parecia um anjo. Joan e Amos Stott viviam miseravelmente do que o seu pedaço de terra lhes dava, e ninguém esperava que a bebé sobrevivesse. Mas sobreviveu. E ainda mal a tinham deitado no berço quando as galinhas dos Stott começaram a pôr ovos, as colheitas aumentaram e até a velha porca teve uma ninhada de doze belos leitões. A menina tinha agora mais de seis anos, continuava bonita como uma manhã de maio e os Stott haviam-se tornado quase prósperos.

No entanto, quer a bebé de Lady Harvey fosse um milagre ou uma criança-fada, Nell sabia que Bridie não ia ficar satisfeita quando soubesse que estava viva. Bridie estava ao serviço dos Dorville, a família de Lady Harvey, desde os catorze anos. Ascendera de servente de cozinha a ama dos filhos da casa e quando, há oito anos, Anne, a mais nova, casara com Sir William Harvey, acompanhara-a na mudança para Briargate na condição de criada particular.

Toda a vida de Bridie girava à volta da patroa que ajudara a vir ao mundo e nunca ela permitiria que nada nem ninguém a desgraçasse ou envergonhasse fosse de que maneira fosse.

Mas a possibilidade de se tratar de uma criança-fada impedia Nell de ter em conta os sentimentos ou os desejos de Bridie; tinha de agir de acordo com o que o instinto lhe ditava. Desceu apressada até à cozinha, e pegou no xale que deixara em cima de uma cadeira para embrulhar melhor a bebé. Expulsou o gato da cadeira da cozinheira, num canto, e pousou a criança na almofada, após o que saiu a correr para ir à bomba encher uma chaleira de água.

Quando, quase uma hora mais tarde, Nell ouviu na escada os passos lentos e pesados de Bridie era já dia claro, com um sol quente a entrar pela janela de rótula por cima do lava-louça. A bebé estava lavada, reembulhada num pano de flanela limpo e a dormir no cesto da roupa perto do fogão.

Abriu os olhos, como que espantada, quando Nell a despojara da flanela suja, e gritara num protesto indignado quando a lavara. Mas no instante em que voltara a sentir-se agasalhada e confortável, tornara a adormecer.

– Pensava que te tinha dito que fosses para a cama – resmungou Bridie, de mau humor ao entrar na cozinha, sobrecarregada com um balde de água suja numa mão e uma bacia com tampa na outra, além de montes de panos e lençóis ensanguentados debaixo de cada braço.

Parecia exausta. Tinha o avental sujo de sangue, os ombros descaídos e a respiração sibilante devido ao esforço de andar.

– A bebé vai viver – disse Nell, a apontar para o cesto.

Bridie empalideceu e deixou cair tudo o que transportava, deramando água pelo chão.

– Oh Jesus, Maria, mãe de Deus! – exclamou, enquanto se benzia e olhava, temerosa, para o cesto.

– É linda – arriscou Nell, a medo. Apesar da pena que tinha de Bridie e da patroa, pois sabia os muitos problemas que uma criança viva ia causar a ambas, não conseguia impedir-se de estar deliciada por tê-la ajudado a sobreviver. Mas também sabia que uma rapariga como ela podia ser despedida por não ter sabido manter-se no seu lugar, e o mais certo era Bridie achar que fora isso mesmo que fizera.

Bridie deixou escapar um soluço de dor e levou as duas mãos ao rosto, consternada.

– Oh, meu Deus! – exclamou. – Que vou eu fazer?

Num gesto instintivo, Nell aproximou-se da mulher mais velha e passou-lhe um braço pelos ombros, como faria com a sua própria mãe se a visse aflita. Bridie tinha sido boa para ela desde o seu primeiro dia em Briargate, quando era uma rapariguinha de doze anos muito assustada que não fazia a mais pequena ideia do que significava deixar a família e começar a servir numa grande casa. Fora Bridie que sugerira que ela estava a ser desperdiçada na cozinha e que devia ser treinada para criada de sala; enfrentara os

protestos de Cook, a cozinheira, e de Mrs. Cole, a governanta, dera-lhe cobertura quando ela partira um *bibelot* e quando levara restos de comida para casa porque o pai estava de cama com problemas no peito e não podia trabalhar.

Durante os quatro anos que passara em Briargate, aquela mulher tinha sido o seu arrimo, a sua professora e a sua confidente. Graças a ela, podia ajudar a família; tinha boa comida, roupas decentes e perspectivas. Não sabia se havia alguma maneira de poder ajudar Bridie naquele aperto, mas se houvesse, havia de a descobrir.

– Deixe isso por agora, Bridie – disse, num tom apaziguador.
– Estamos ambas demasiado cansadas, mas se nos pusermos as duas a pensar, havemos de arranjar qualquer coisa. Vou fazer-lhe um chá, e depois vai para a cama. Eu ponho a roupa na barrela e fico atenta à senhora.

Bridie afastou o braço de Nell e limpou os olhos com a orla do avental. Continuavam marejados de lágrimas, mas Nell viu que ela se esforçava por recuperar a compostura.

– És uma boa rapariga – disse Bridie, com a voz a tremer –, mas tu é que tens de ir para a cama. Eu fico aqui sentada um bocadinho com o meu chá e depois volto lá para cima. Posso dormir no cadeirão no quarto da senhora.

– Levo a bebé comigo? – perguntou Nell.

Bridie abanou a cabeça.

– Aqui fica mais quentinha. Agora vai-te deitar.

Nell descobriu que não conseguia dormir, a pensar na bebé. Ia ter de ser alimentada em breve, e se Bridie estivesse no quarto de Lady Harvey não a ouviria chorar. Além disso, havia tantas outras coisas que era preciso fazer: ir buscar carvão para o fogão, pôr a roupa a lavar, cozinhar qualquer coisa para Lady Harvey. Não podia ficar ali deitada, acordada, e deixar tudo a cargo de Bridie.

*

Levantou-se da cama, lavou-se e enfiou um velho vestido cinzento que lhe tinham dado para usar quando houvesse trabalhos sujos para fazer e, levando as botas na mão, desceu do seu quarto no sótão sem fazer barulho, para não incomodar a senhora.

Quase não passava um dia em que não se sentisse abençoada por poder viver em Briargate Hall. Era uma casa ampla, cheia de luz, mandada construir há apenas quarenta anos por Sir Roland Harvey, pai de Sir William, a meio caminho entre as cidades de Bath e Bristol. Nell nunca estivera em qualquer delas. Tudo o que conhecia era a aldeia de Compton Dando, onde tinha nascido, e as outras em redor. O mais longe que se afastara de casa tinha sido Keynsham, a cerca de cinco quilómetros e meio de distância.

As pessoas diziam que o porto de Bristol era uma maravilha onde se podia ver os grandes navios que iam até aos recônditos mais longínquos da Terra. Mas Nell não tinha desejo de lá ir; um ano antes, centenas de pessoas tinham morrido de cólera, e há apenas cinco meses, em outubro, houvera lá três dias de motins terríveis. Morreram dezenas de pessoas, muitas mais tinham ficado gravemente feridas, dúzias de edifícios foram destruídos e incendiados. Quatro pessoas tinham sido enforcadas por participarem nos distúrbios e várias dezenas mandadas para a prisão ou deportadas. Para Nell, era um lugar muito perigoso.

Mr. Baines, que sabia tudo a respeito de quase tudo, dizia que os motins tinham acontecido porque o sistema de governo era corrupto. Dizia que os Tories subornavam e intimidavam as pessoas nas eleições para que os partidos reformadores não conseguissem entrar. Orgulhava-se do facto de as pessoas de Bristol terem coragem suficiente para se fazerem ouvir e afirmava que se fosse um rapaz novo se teria juntado a elas.

Nell ouvira dizer que Bath, a outra cidade próxima, era muito diferente de Bristol, por ser o lugar onde as pessoas finas iam a águas e para se divertirem à grande. Baines dizia que era muito bonita, com ruas amplas, casas esplêndidas e lojas cheias de tantos artigos de luxo que uma pessoa ficava aparvalhada a olhar para eles.

Para Cook, era um poço de iniquidade, com ruas infestadas de carteiristas, e dizia que as famosas águas cheiravam tão mal que era um espanto não matarem quem as bebia. Por isso Nell deduzia que se era verdade o que se dizia a respeito das duas cidades mais próximas, em nenhuma das duas havia nada de interesse para uma rapariga como ela.

Baines dizia que o velho Sir Roland Harvey fora um grande viajante e que a traça de Briargate tinha sido influenciada por casas que vira em Itália e nas plantações das Índias Ocidentais. Mandara vir de Itália o mármore branco e preto do chão do átrio, bem como as estátuas de mármore do jardim, e em vez de construir com a pedra local, usara tijolos cobertos por uma espécie de argamassa rosada. A fachada principal ostentava um imponente pórtico sustentado por quatro grandes colunas, e as telhas do telhado eram verdes em vez de vermelhas.

Janelas altas e estreitas que chegavam quase até ao chão deixavam a luz do sol entrar a jorros durante todo o dia; as graciosas portadas tinham sido especialmente desenhadas para Sir Roland, tal como as lareiras de mármore. Nell gostava em particular dos cachos de uvas e das aves esculpidas nos balaústres dos patamares da escadaria; não parecia possível que um homem fosse capaz de fazer uma coisa tão delicada usando apenas um formão. Com os candelabros refulgentes, os tapetes espessos e as mobílias tão polidas que conseguia ver a todo o instante o reflexo do seu rosto, sentia que estava a viver num palácio.

No início, parava muitas vezes de limpar uma lareira para ficar a olhar para os quadros nas paredes. Para onde quer que se voltasse, havia objetos de espanto e maravilha. Bridie não partilhava esse entusiasmo. Dizia que com apenas oito quartos, Briargate não era nem de longe tão grande e magnífica como a casa de Londres. Admitia que Sir Roland era um homem com a cabeça no lugar, pois concebera a mansão para poupar trabalho. E quase sempre acrescentava, maldosa, que ele devia saber que o tráfico de escravos

acabaria por ser abolido e que mais tarde ou mais cedo deixaria de conseguir arranjar criados para trabalharem de borla.

Para Nell, um mordomo, uma governanta, quatro criadas, mais jardineiros e cavaleiros, além de várias outras pessoas que apareciam quando eram necessárias, pareciam uma quantidade enorme de servidores para cuidar de uma casa de apenas duas pessoas. Mas Bridie afirmava que não eram de mais, e que só o conseguiam com tanta facilidade devido à conceção da casa.

As divisões principais eram espaçosas, mas não tão grandes que não pudessem ser adequadamente aquecidas. A sala de jantar ficava perto da cozinha, de modo que a comida chegava à mesa nas melhores condições. Havia até, na cozinha, uma engenhoca graças à qual era possível enviar para o piso superior grandes baldes de água quente para os banhos e as lavagens puxando uma corda. Bridie chamava-lhe, na brincadeira, «A Salvadora das Criadas», e arregaçava a manga para mostrar uma queimadura que tinha no braço e que arranjava quando era rapariga a carregar escada acima baldes de água a ferver.

Ao ouvir a bebé chorar quando se aproximava da cozinha, Nell não se deteve para calçar as botas, mas quando dobrou a esquina do corredor deteve-se horrorizada ao ver Bridie debruçada para o cesto onde a menina estava deitada com uma almofada nas mãos.

Não havia dúvidas quanto ao que tencionava fazer, pois estava a chorar e a murmurar por entre as lágrimas qualquer coisa que pareceu a Nell um pedido de perdão ou até uma prece.

– Não, Bridie! – gritou, ao mesmo tempo que largava as botas, que caíram com estrondo, e corria para a mulher mais velha. – Não pode... é uma grande maldade, e ela é uma criança-fada.

Bridie voltou-se, com uma expressão de culpa estampada no rosto enrugado.

– Mas é a única maneira, Nell. Se ela viver será a desgraça da minha senhora, expulsá-la-ão de Briargate.

Mais tarde nesse dia, Nell recordar-se-ia de ter visto Bridie assis-
tir impassível ao despedimento de uma criada que engravidara. Se
Lady Harvey fosse expulsa poderia voltar para junto da sua própria
família, mas aquela pobre rapariga tivera como única alternativa o
asilo¹.

Na altura, porém, não pensou em nada disto. A única coisa
que lhe ocupava o espírito era impedir um assassinio.

– Não pode matar um bebé – insistiu, colocando-se entre
Bridie e o berço improvisado. – Não está certo, e sabe-o muito bem.

Durante um ou dois segundos, pensou que Bridie ia afastá-la à
força e levar por diante o seu plano, pois bem lhe via o ar de deses-
pero. Mas em vez disso Bridie como que se abateu, deixou-se cair
numa cadeira e tapou o rosto com as mãos.

– Deus sabe que não quero fazer mal à bebé, mas que outra
coisa posso fazer? – perguntou, num tom de súplica.

– Não sei – respondeu Nell, e pousou uma mão no ombro da
mulher mais velha. – Mas não está certo matá-la. Ela não tem culpa
de ter nascido, e além disso é uma criança-fada. Olhe para ela!

A bebé tinha os olhos abertos e parara de chorar, quase como
se soubesse que o perigo tinha passado. Os seus olhos não eram do
habitual azul dos recém-nascidos e sim negros como a noite, fixos
em Nell como que a agradecer-lhe a trégua.

– Talvez então possamos levá-la até à igreja e deixá-la lá – disse
Bridie, em desespero. O reverendo Gosling havia de arranjar-lhe
um lugar.

Nell abanou a cabeça. Sabia que as crianças deixadas na igreja
iam para o asilo e poucas sobreviviam mais do que algumas sema-
nas. Pegou na bebé e embalou-a nos braços.

– Sabe muito bem o que isso significa – lembrou a Bridie, e
quando o doce cheiro da recém-nascida lhe invadiu as narinas os
olhos marejaram-se-lhe de lágrimas.

¹ No original, «*workhouse*», instituição que acolhia e alimentava os pobres a troco de trabalho.
(N. do E.)

Durante alguns minutos, nenhuma das duas falou. Bridie continuava com a cara escondida nas mãos, a soluçar, e Nell andava de um lado para o outro na cozinha, com a bebé ao colo.

Sentiu uma súbita onda de raiva ao pensar que Lady Harvey dormia tranquila na sua cama enquanto ela e Bridie se viam forçadas a arranjar solução para um problema para o qual nenhuma delas contribuía. Lady Harvey nascera rica, fora mimada, vestida com as melhores roupas, educada por uma governanta, e depois casara aos dezoito anos com um homem que toda a gente dizia ser o melhor partido de todo o West Country.

Nell recordava-se de, ainda garotinha, ter estado com as outras crianças da aldeia no adro da igreja de St. Mary the Virgin para atirar pétalas de rosa ao casal. Nenhuma rainha poderia estar mais bonita do que Lady Harvey estava naquele dia, com o cabelo dourado a cair em grandes caracóis à volta dos ombros. O vestido de seda branca, com uma cauda de quatro metros, devia ter custado mais do que todo o dinheiro que o pai de Nell ganhara durante uma vida inteira. E Sir William não era apenas rico, era também bonito, com cabelo louro encaracolado e olhos azuis e brilhantes. Toda a gente dizia que era um casamento de amor, e quando, anos mais tarde, Nell fora trabalhar para Briargate, vira muitas vezes os dois a rir e a correr pelo jardim como dois jovens apaixonados, e isso, para ela, confirmara a afirmação.

Porque fora então Lady Harvey para a cama com outro homem? Porque não deveria assumir a responsabilidade pelo seu pecado, como se esperaria que Bridie ou ela própria fizessem se qualquer das duas se transviasse?

Mas mesmo enquanto estes pensamentos lhe passavam pela cabeça, sabia que, tal como Bridie, não aguentaria ver Lady Harvey desgraçada. Podia ser mimada, mas era acima de tudo uma criatura generosa e de bom coração. Nell perdera a conta às vezes que a senhora lhe enfiara um xelim na mão para levar à mãe. Dava-lhe as roupas que já não usava, deixava-a costurar vestidos e camisas para os irmãos e as irmãs quando devia estar a trabalhar. Nunca lhe

batera, nunca sequer lhe ralhara quando era desastrada; ainda na manhã do dia anterior lhes tinha agradecido, a ela e a Bridie, a sua lealdade e lhes prometera que olharia sempre por elas.

A verdade era que Lady Harvey era, de muitas maneiras, como uma criança. Tinha em si demasiada vida e demasiada alegria, mas ao mesmo tempo era inocente. Aquele homem, fosse ele quem fosse, devia tê-la embalado com palavras doces, aproveitando-se da sua solidão. Ninguém da família dela a visitara desde que o senhor partira; não tinha verdadeiros amigos seus ali no Somerset, só os amigos dele. Nell lembrava-se de a ver chorar quando Sir William partira para a América; queria ir também, mas ele não consentira. Como a mãe de Nell tantas vezes dizia: «Tens de caminhar pelo menos um quilómetro com as botas de outra pessoa para saberes como é para ela.»

Pensar na mãe deu-lhe uma ideia.

– Podia levá-la para casa da minha mãe – disse, a atropelar as palavras. – Há de ter leite que chegue para a pequenina.

– A tua mãe já tem filhos que bastem – respondeu Bridie, com as lágrimas a correrem-lhe pela cara abaixo. – Além disso, é demasiado perto daqui. Como explicaria ela aonde foi buscar outro?

Nell teve uma imagem mental da casinha sobrelotada e da mãe já tão cansada com tantos filhos, mas soube que no instante em que pegasse naquela bebé ao colo seria incapaz de a recusar.

– As pessoas perderam a conta a quantos tem – disse, e era verdade. – Estão tão habituadas a vê-la sempre com um novo nos braços que já nem reparam.

– Mas e o teu pai?

Nell fez um meio sorriso. O único verdadeiro defeito do pai era ser demasiado generoso com todas as coisas: com o seu trabalho, com o seu tempo, com o seu afeto. E quando tinha dinheiro, era generoso também com isso. A mãe dizia muitas vezes que se ele trabalhasse só as horas que lhe pagavam, não a amasse tanto e poupasse o pouco que tinha, não viveriam num casinhota a cair aos

pedaços e com tantos filhos. Mas Nell estava convencida de que a mãe não queria que ele fosse diferente.

– O meu pai gosta de bebés – respondeu. – Vai dizer que mais um não fará diferença.

Bridie limpou as lágrimas ao avental, mas os seus olhos estavam ainda cheios de ansiedade.

– Pode confiar neles, não dirão uma palavra – continuou Nell, convicta, sabendo o que Bridie estava a pensar. – Nem sequer os mais velhos saberão a verdade. Se a levar à minha mãe esta noite depois de terem ido para a cama, acreditarão que nasceu enquanto dormiam.

A afirmação provocou em Bridie um ar de dúvida.

– A minha mãe tem-nos muito depressa – insistiu Nell. – Quando o nosso Henry nasceu, no ano passado, só deram por isso quando o ouviram chorar. Eu estava com ela, sei o que estou a dizer, e ela tem uma barriga tão grande de ter tido tantos filhos que os meus irmãos estão sempre meio à espera de a ver pôr mais um cá fora de um momento para o outro.

– Mas é um segredo que tem de ser guardado para sempre – lembrou-lhe Bridie.

Nell assentiu com a cabeça; sabia isso muito bem.

– A senhora disse-me, aqui há tempos, que se a criança vivesse queria que a entregássemos a alguém – revelou Bridie em voz baixa. – Pediu-me que investigasse, e eu fui falar com uma mulher, em Brislington. Não gostei dela, tinha cara de má e os filhos tinham um ar doentio e estavam imundos. Pelo menos sabemos que a tua mãe cuidaria bem dela.

Bridie remeteu-se ao silêncio, claramente a ponderar tudo o que sabia a respeito de Meg e Silas Renton, e se seriam de confiança. Nell não disse mais nada porque sabia que a sua família era tida em alta estima na aldeia e na região. Fora uma das coisas que lhe conseguira o lugar em Briargate.

– Como é que vamos chamar-lhe? – perguntou por fim a mulher mais velha, tirando a bebé dos braços de Nell e desta vez olhando para ela quase com ternura. – Não seria certo não lhe dar um nome.